

Mnemosyne kai Sophia

José Augusto Ramos
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

MNEMOSYNE KAI SOPHIA NA RAÍZ DE DOIS CONCEITOS

Na mitologia grega, Mnemósine é a personificação da Memória¹. Filha de Úrano e de Gaia, i.e. do Céu e da Terra, Mnemósine pertence ao grupo das chamadas Titânides, tendo sido igualmente uma das figuras femininas a quem Zeus se uniu sexualmente e de quem nasceram as nove Musas. Sofia é a personificação da Sabedoria, não tendo, porém, uma presença tão marcante no *corpus* mitológico clássico como a que se reconhece a Mnemósine.

Na tradição semítica do Oriente pré-clássico, particularmente representada pela Bíblia, o conceito de sabedoria avulta bastante mais do que o de memória, no domínio conceptual e simbólico. Sabedoria projecta-se até ser uma das mais relevantes hipóstases, de estatuto quase divino. A importância que o rótulo e o conceito de sapiencial assumem nas literaturas e culturas do Antigo Oriente traduzem essas ressonâncias de profundidade. Pelo balancear intersemítico das semânticas aqui intervenientes, verificamos que a ideia de profundidade e mistério é o matiz específico que dá nome à sabedoria em acadico, *nemequm*. O conceito de memória, por seu lado, situa-se a um nível menos metafísico, mas institui-se como uma quase ritualização cultural da identidade, que a parênética bíblica tanto sublinha e que o «fazei isto em minha memória», da última ceia de Jesus, exprime bem.

Apesar de o conceito e ideia de *sophia* estarem presentes em vários textos gregos antigos e de terem uma relevância particular com a sofística e a filosofia gregas, a verdade é que foi já com o cristianismo que a hipóstase da sabedoria ganhou particular relevo, como mostram quer, a um nível mais erudito, o conceito teológico-filosófico de «Santa Sabedoria», quer, a um nível mais popular, a figura da mártir que, supostamente, teria vivido no tempo de Adriano e sido

¹ Ver Hes. *Th.* 54ss., 135, 915ss.

mãe de três filhas, de nome Fé, Esperança e Caridade, igualmente supliciadas por causa da sua fé em Cristo². Como mostram os nomes das personagens, porém, a lenda deverá traduzir mais a faceta popular que, todavia, se baseia mais na importância dos conceitos do que em personalidades eventualmente históricas.

Não obstante as representações hipostáticas da Memória e da Sabedoria, os conceitos em si mesmos prevalecem enquanto pilares da cultura, manifestando-se de variadas formas em épocas distintas. Com efeito, em Dezembro de 2009, os Centros de Estudos Comparatistas e de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa dedicaram a estes dois conceitos um congresso, cujo objectivo foi precisamente analisar e estudar as variadas formas de representar ambas as ideias ao longo do tempo e no âmbito das várias expressões culturais disponíveis³.

Alguns dos textos que agora se publicam foram originalmente apresentados nessa ocasião, num painel homogéneo dedicado às culturas da Antiguidade Pré-Clássica e Clássica. Nomeadamente, os estudos de José Augusto Ramos, *Memória e sabedoria em perspectiva bíblica*, que analisa a presença dos dois conceitos no *corpus* bíblico, tendo o espaço das chamadas culturas pré-clássicas como enquadramento e nas quais o género sapiencial ganha particular pertinência; de Ana Catarina Almeida, «*O que foi feito é desfeito*». *A memória como condição da ordem no Antigo Egipto: o caso da «Profecia de Neferti»*, em que a autora se centra nos chamados textos sapienciais egípcios para analisar os conceitos de ordem/desordem à luz da ideia de «Memória»; de José Sales, *A «Sabedoria de Petosíris»: um repositório condensado de memória e de moral*, em que se trata as questões da memória e da sabedoria presentes num conjunto de mais de centena e meia de inscrições egípcias do período ptolemaico⁴; de Nuno Simões Rodrigues, *Hesíodo e o sonho de Nabucodonosor*, em que se analisa o valor de Hesíodo enquanto «poeta sapiencial» grego e possível influência de parte do livro bíblico de *Daniel*; de Nelson Henrique Ferreira, *O cão da assembleia/o lobo do povo: a sabedoria popular ao serviço da invectiva política no «Contra Aristogíton»*, em que se disserta acerca do valor dos animais enquanto metáforas da representação dos comportamentos humanos em contexto da dita «sabedoria popular»⁵; de David G. Santos, *Plotino e Homero: um estudo filosófico da influência homérica nas «Enéadas» de Plotino*, em que, recorrendo ao método e à problemática da intertextualidade, se estuda sobretudo o

² A lenda de Santa Sofia e suas três filhas foi incluída por J. de Voragine na célebre *Lenda Dourada*.

³ O congresso em causa resultou numa publicação: J. P. Serra, H. C. Buescu, A. Nunes, R. C. Fonseca, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011.

⁴ Uma primeira versão deste texto foi já publicada em J. P. Serra *et al.*, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011, 199-239.

⁵ Uma primeira versão deste texto foi já publicada em J. P. Serra *et al.*, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011, 523-532.

problema da memória enquanto pilar da influência de um autor num outro; e o de Nair de Castro Soares, *Retórica e sabedoria: o ideal da «enkyklios paideia» no Humanismo do Renascimento*, em que a autora recupera os conceitos da Antiguidade Clássica, analisando a sua reutilização e redefinição através da retórica no período renascentista, focando-se em particular no caso português.

A estes estudos, juntámos dois outros cuja temática converge para os conceitos que dão título a este volume: o texto de María Cecilia Colombani, *Desconstruyendo identidades: Apolo y Dioniso, la intrínseca duplicidad del mito*, texto que resulta de uma conferência originalmente apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Fevereiro de 2012, e em que se reanalisam a duplicidade e a ambiguidade próprias da cultura grega, antevistas por Nietzsche, entre outros, e em que a problemática da sabedoria volta a estar presente de forma relevante; e ainda o estudo de Maria de Fátima Sousa e Silva, *Registo e memória. Arriano e Plutarco sobre Alexandre*, escrito propositadamente para esta edição e no qual a *mnemosyne* é chamada à colação, assumindo-se como a base da própria ideia de História, para que, através dos registos de Arriano e de Plutarco, seja possível a reconstituição dos feitos de Alexandre da Macedónia.

Uma vez reunidos, oferecemos à comunidade científica e a todos os que se interessam pelas matérias da Antiguidade os textos que este grupo de autores escreveu sobre *mnemosyne* e *sophia*. Resta-nos agradecer aos nossos colegas Doutora Helena Carvalhão Buescu e Doutor José Pedro Serra, dos Centros de Estudos Comparatistas e de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, que por ocasião do Congresso «Memória e Sabedoria» acolheram com todo o entusiasmo as nossas propostas, e Doutora Maria do Céu Fialho, Coordenadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e Doutor Delfim Ferreira Leão, Director Técnico da colecção *Classica Digitalia*, da Universidade de Coimbra, pelo interesse demonstrado nesta colectânea e pelo apoio dado à sua publicação.

José Augusto Ramos
(Universidade de Lisboa)

Nuno Simões Rodrigues
(Universidade de Lisboa)